

O BENEDITINO PESQUISADOR : A CONTRIBUIÇÃO DE EPIFÂNIO DÓRIA À HISTORIOGRAFIA SERGIPANA*

*Dilton Cândido Santos Maynard***

“... é como se houvera morrido uma geração inteira de homens que viveram pela cultura, escrevendo, recortando, corrigindo, ajuntando, anotando, guardando coisa por coisa”

Luiz Antônio Barreto

“A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico”

Pierre Nora

O objetivo deste artigo é analisar a contribuição do pesquisador Epifânio Dória (1884-1976) para a historiografia sergipana. Estudioso multifacetado - folclorista, poeta, político -, centraremos nossa reflexão sobre Epifânio historiador.

Nascido em Barro Caído, fazenda localizada na então Vila de Poço Verde, cidade de Campos – atual Tobias Barreto -, Dória teve acesso formal apenas ao ensino primário. Sua formação é fruto de auto-didatismo. Ainda que fosse um pesquisador amador, ele desfrutou de grande respeito entre a intelectualidade sergipana dos seus dias,

(*) Trabalho orientado pelo professor Antônio Fernando de Araújo Sá do Departamento de História da UFS, dentro das atividades da disciplina Historiografia Brasileira, no período 1997/2.

(**) Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe.

principalmente aquela ligada ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS).

As funções de bibliotecário, secretário-geral e presidente do IHGS foram aquelas nas quais Dória obteve maior destaque. Todavia, exerceu também o cargo de adjunto de promotor, diretor do Arquivo da Secretaria de Governo, Secretário da Fazenda estadual, deputado estadual, membro fundador da Loja Maçônica Cotinguiba. Liste-se ainda: fundador da Liga Sergipana Contra o Analfabetismo e dono da cadeira número 40 da Academia Sergipana de Letras. Em seus 40 anos de vida pública, não registraram-se férias ou uma só licença prêmio.

Pelo acima mencionado, nota-se a proximidade existente entre Dória e os homens do poder. Nesta relação com a esfera pública, Epifânio – ou “O Major”, como também era conhecido – aparece dono de uma postura de avantajada subserviência e estabilidade. Desfilou entre regimes abertos e ditaduras com a mesma desenvoltura. Epifânio não criticava os governos, colocava-se, fielmente, ao lado das autoridades constituídas.

Profundo enaltecedor do papel das instituições culturais, Dória esteve presente no processo de consolidação de praticamente todos os centros de estudos dedicados às ciências humanas no estado de Sergipe. A exceção é a Universidade Federal de Sergipe, fundada em 1968. Entretanto, Epifânio Dória e sua obra, ainda que localizados em ponto estratégico da nossa historiografia, não foram alvos de estudos exclusivos. Daí o nosso interesse pelo tema. Pretendemos, portanto, situar, na melhor maneira possível, Dória e sua obra histórica na historiografia sergipana.

Mas a obra histórica comporta valores que ultrapassam sua pretensão declarada. Um deles, é o literário. Ao escrever, o historiador coloca, como digitais, o seu estilo no texto. Outros também presentes são os valores morais. Eles inegavelmente acabam filtrando muitas das considerações que o pesquisador poderia fazer. Assim, surge o problema: quem deve analisar a obra histórica? Um historiador ou um crítico literário? perguntará Bann. Afinal, o analisado será o texto historiográfico(1).

José Honório Rodrigues responde à questão da seguinte maneira: “a obra histórica deve ser examinada como obra histórica, pelo

seu valor intrínseco, como contribuição ao desenvolvimento de sua disciplina. O critério literário e formal não é o definitivo. Se o autor escrevia muito bem, tanto melhor. Mas Varnhagen, que não é padrão de língua, é, incontestavelmente, o maior historiador brasileiro, pela contribuição prestada”(2).

É exatamente a partir desta perspectiva proposta por Rodrigues que procuraremos enxergar Dória e sua obra no contexto da historiografia sergipana. Em Sergipe, não são muitos os trabalhos realizados no campo da análise historiográfica. A primeira análise sistemática sobre a produção historiográfica sergipana foi o trabalho apresentado pelo professor José Calazans, “Introdução ao estudo da historiografia sergipana”, em um Simpósio de História do Nordeste, realizado em Aracaju no ano de 1973. Outro pequeno opúsculo que aborda a questão foi confeccionado pelo professor José Silvério Leite Fontes no seu projeto de Levantamento das Fontes Primárias da História de Sergipe, apresentado no III Encontro de Professores de Introdução aos Estudos Históricos, realizado em Campinas/SP no ano anterior. Por outro lado, Sebrão Sobrinho teve o seu livro **Laudas para história do Aracaju** estudado por Itamar Freitas em 1996 em uma monografia do curso de História da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente, o professor desse mesmo departamento Francisco José Alves elabora tese de doutoramento em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre o historiador Felisbelo Freire.

Há muito o que fazer nessa seara. Todavia, tal situação não é lacuna exclusiva do nosso estado. No âmbito nacional, José Honório Rodrigues, Sérgio Buarque de Holanda, José Roberto do Amaral Lapa, Carlos Guilherme Mota e, mais recentemente, Carlos Fico e Ronald Polito aparecem como alguns dos poucos autores especialistas neste tipo de abordagem. Há, é claro, artigos publicados esporadicamente. Entretanto, inexistem uma regularidade de trabalhos que se voltem para a questão. Da mesma forma, não possuímos muitas obras que condensem extensa reflexão acerca da nossa historiografia.

É lamentável tal situação, pois é através da análise historiográfica que se torna possível compreender as correntes de pensamento que balizaram e que matizaram o fazer da História em Sergipe e no Brasil.

Quanto a Sergipe, estabelecendo uma divisão clássica em nossa historiografia, Calazans aponta nela quatro fases. A primeira diz respeito a todos os trabalhos relativos a Sergipe, desde suas origens até o final do século XIX. A Segunda fase é inaugurada pela publicação de **História de Sergipe** (1891) de Felisbelo Freire. O surgimento do IHGS dá início a terceira fase (1912) e, por fim, o advento da instituição da UFS (1968) inaugura a quarta fase proposta pelo autor(3) .

Dentro desta divisão, Calazans destaca a importância de Epifânio Dória, das suas **Efemérides Sergipanas**, do IHGS e da revista especializada editada por aquela instituição na chamada segunda fase(4) .

É válido lembrar que o IHGS é uma célula estadual do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, localizado no Rio de Janeiro. Coube a este último órgão, determinar, ainda nos oitocentos, um modelo de escrita oficial da história no Brasil. Modelo este que, a caráter, prolongou-se até as primeiras décadas deste século. A proposta oficial era a de uma história constituída por grandes vultos, dedicada a biografias e à coleta de documentos oficiais. Um dos principais meios encontrados para a divulgação dos trabalhos do IHGB e dos seus similares no resto do país foi a publicação de periódicos especializados. No IHGS sua revista trimestral surgiu em 1913.

Certamente, seria mais árdua a tarefa de sobreviver, caso o periódico do Instituto não tivesse Epifânio como participante da sua comissão editorial. Visão apropriada da presença de Dória na revista é o exemplo da edição especial de 1960. Neste número, dezessete textos são da autoria de Dória. Não satisfeito, ele assina também a nota introdutória daquela publicação.

A estrutura da revista não sofreu grandes variações em relação ao seu projeto inicial. Compunha-se da seguinte maneira: introdução, artigos, página da saudade (necrológios), ata das sessões, quadro social (membros efetivos, beneméritos, correspondentes, benfeitores e honorários). Atualmente, mantém-se a estrutura geral com pequenas alterações como a exclusão do “quadro social” e da parte destinada às atas.

A **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e Geográfico de Sergipe de Sergipe**, na seção dedicada às atas das reuniões, fornece um pouco da multiplicidade de funções de Epifânio

no ambiente do IHGS, bem como do seu prestígio entre a intelectualidade do instituto, para a qual ele era uma espécie de “faz-tudo” da instituição. Doente o relator das atas, Dória assumia. Lembrava falecimentos, aniversários de centenários, cinquentenários, etc. “Com a palavra o sócio Epifânio Dória propôs que se lançasse na ata da sessão de hoje um voto de pesar pelo falecimento do major E. Azevedo...”(5) .

Apenas a partir dos anos 70 Dória afastou-se da confecção da revista. Coincidentemente, neste período, a intelectualidade proveniente da UFS passa a contribuir para aquela publicação. O quanto modifica-se ou não, a partir de então, o enfoque da revista, não nos cabe, no momento, discutir. O certo é que, enquanto sombreada por Epifânio (anos 10-70), a revista trimestral do instituto – devidamente alinhada com a História padronizada pelo IHGB – foi o principal veículo de publicação de trabalhos das ciências humanas em Sergipe.

A partir do material elaborado pelo “Major” e publicado na revista do instituto, a sua concepção de história emerge. A escrita da história de Dória é dedicada aos grandes vultos da elite sergipana – políticos, militares, intelectuais, etc.. Ele a apresenta “mestra da vida”, numa perspectiva próxima da historiografia romântica oitocentista. “Revivendo os mortos pela grandeza dos dotes, é meio hábil e eficaz de despertar emulação entre os que são dotados de natureza acessível às virtudes que exornam a criatura humana. A lição do exemplo é a mais frutuosa que se pode imaginar”(6).

É perceptível em seus artigos também o apreço às classes economicamente abastadas e um conseqüente compromisso com estas na própria articulação de seus trabalhos. “Em um trabalho biográfico de profundidade as datas dos fatos ocorridos são necessários para o estudo da personalidade cujo valor é posto em julgamento. (...) em um simples esboço basta alinhar os fatos, as pérolas que vão compor o colar”(7). A intenção de formar um “colar de pérolas” nas biografias suscita o objetivo de simplesmente louvar as personalidades. Mergulhado nesta visão de história, Epifânio não mostrou grande preocupação com o povo.

A “gente comum”, quando aparece em seus artigos, é “sempre amante da fábula, sempre disposta a fantasiar”(8). Quando não infla

seus textos com inúmeros vultos, Dória enfoca a vida das cidades, relata e realça datas de fundações, emancipações políticas. Contudo, o povo é bissexto na sua produção e marginal nas suas reflexões. Virgulino Ferreira, o "Lampião", maior representante do banditismo social no Brasil, é resumido por Dória a "...demônio dos sertões, vergonha do infelizmente nordeste, que ele talava numa estranha volúpia de angustiar, menoscabando, com singular engenho, das autoridades públicas como se predestinado do mal..."(9).

O trabalho historiográfico de Epifânio Dória – elaborado, principalmente, por intermédio de biografias panegíricas – alicerça-se na genealogia familiar, no caráter orgânico das relações familiares, na construção de uma história eminentemente cívica, comemorativa e na busca pelos detalhes, pelos pormenores. Segundo Dória, "uma história, para ser bem vívida, para ter alma, para ter movimentação, alimenta-se de detalhes que lhe dão clareza e despertam interesse. Os fatos mínimos, os incidentes que ocorrem através dos acontecimentos, uns tantos nonadas as esclarecem pontos obscuros e são para a história como os ornatos das colunas, capitéis dos edifícios. Daí poder-se afirmar que os detalhes, as minúcias, são o brocado em que se talha o manto da história"(10).

Provavelmente, com o ímpeto de reter para a posteridade tais detalhes e minúcias, Dória voltou-se ao trabalho de organização de arquivos, buscando locais para a cristalização da memória. São duas as suas linhas de ação com este intuito: a primeira, a coleta de documentos, a ordenação de arquivos e bibliotecas. A segunda é a produção de artigos para revistas e jornais a partir do material coletado. Suas "efemérides", por exemplo, são uma nítida tentativa de manter vivos personagens históricos, momentos da vida sergipana há muito tempo esquecidos. Epifânio revela-se um preocupado com aquilo que Pierre Nora viria a chamar de "lugares da memória"(11).

Através das "efemérides", dos arquivos, das bibliotecas, da sua atuação no IHGS, celebrando centenários, elogios fúnebres, Dória aparece preocupado em manter e enaltecer aspectos de personalidades sergipanas de sucesso dentro ou fora do estado. É como se o intelectual procurasse traçar o perfil, a identidade sergipana. Levando-se em conta que, as **Efemérides Sergipanas** apontam como "exemplos salutareis" as personalidades pertencentes à alta sociedade,

percebe-se qual o modelo idealizado a constar como “histórico” em nossa historiografia, de acordo com Epifânio Dória. Tais exemplos seriam referenciais de sergipanidade.

Ao afirmarmos este caráter pedagógico e isolante das “Efemérides”, não temos a intenção de, forçosamente, atribuir a Epifânio Dória algo que ele não fez. Não há em sua obra um projeto articulado objetivando conferir ao sergipano uma “identidade”. O que não nos parece absurdo afirmar é o valor que Dória depositava em seus biografados enquanto exemplo de sergipanos. Exemplos a serem imitados.

José Silvério Fontes considera que preocupações como estas do “Major” em exibir aqueles sergipanos que obtiveram algum tipo de destaque fora do estado como exemplos acabam por explicitar a falta de uma identidade para o nosso povo. “O sergipano ainda não adquiriu consciência dos seus próprios valores. (...) Se não têm valores próprios a serem cultivados e exaltados, claro que falta uma consciência de identidade, pois o ser humano se identifica através de sua correspondência com determinados valores”(12).

Os textos assinados por Epifânio Dória sugerem uma constante presença do autor nos arquivos, nas repartições públicas, em igrejas e cartórios. Dória fazia questão pelas datas, pelos horários, roupas e pelos documentos. Pouco utilizava-se do etc. Constantemente, citava documentos oficiais (certidões de óbitos, telegramas, artigos de jornais, ofícios, entre outros). Aparece ainda em seus escritos – principalmente nas **Efemérides Sergipanas** – um profundo respeito por Armindo Guaraná.

A devoção às biografias, às datas e às listas é comum aos dois pesquisadores. Não uma, mas diversas vezes, Dória cita Guaraná como referência. Em alguns artigos, chega ao ponto de simplesmente atribuir ao biografado tudo aquilo escrito pelo autor do **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**. Não adiciona nada mais ao texto. “Cedamos a palavra ao desembargador Manuel Armindo Guaraná”(13).

Na verdade, podemos vislumbrar em Dória uma espécie de continuador de Guaraná. Havendo com ele trabalhado na confecção do primeiro dicionário, o Major foi indicado pela família Guaraná e pelos

membros do IHGS para dar continuidade àquela obra. Morreu antes de concluir tal missão. As suas efemérides seguem o estilo retilíneo de Armindo Guaraná. Elas não chegaram ao formato de livro. Foram publicadas em jornais sergipanos durante anos. A já citada edição especial da revista do IHGS de 1960 apresenta alguns dos textos componentes das **Efemérides** que, provavelmente, fariam parte de um reformulado **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**.

Escrevendo as **Efemérides Sergipanas**, Epifânio Dória serviu Sergipe com pequenos e cotidianos lugares da memória. Nelas o leitor encontraria os nomes, os dias, as datas, as solenidades, as leis a serem exaltadas no presente. As efemérides, dotadas deste teor pedagógico, serviriam para nortear o futuro, indicando aquilo que deveria ser alvo de estudos. Assim, o que nelas constatamos é um espelho. História da elite, financiada por e para a elite. As efemérides, os arquivos que Epifânio organizou, o IHGS, são, indubitavelmente, lugares da memória. Daí ele não partia para escrever uma história incômoda. Ao contrário, fazia suas explanações com um olho nos dados coletados e outro na plena satisfação do Estado.

Todavia, é necessária uma ressalva: endossado por esta afinidade, foi que Dória obteve tantos sucessos em suas empreitadas. Sem ele, a ampliação da biblioteca pública e a verba necessária para edificar a atual sede do IHGS, provavelmente não se tornariam uma realidade. O mesmo se pode dizer do seu trabalho no gabinete de leitura de Maruim, na Academia Sergipana de Letras, no Arquivo Público de Sergipe e na Liga Sergipana Contra o Analfabetismo. Não fosse Dória tão íntimo do Estado, se não tecesse em seus artigos elogios aos homens do poder e, em contrapartida, atacasse as idéias socialistas, bem como a todo aquele que por ventura se opusesse ao Estado, certamente os seus insistentes pedidos de auxílio para nossas instituições não seriam ouvidos. Ao "Major" a Guerra do Paraguai foi válida porque, sem ela, "os brasileiros e esta potentosa nação de que nos orgulhamos teriam caído no abismo onde se despecam tantas nações mártires da Europa civilizada"(14). Por outro lado, em dias de Estado Novo, eis algumas de suas palavras para Vargas: "corajoso e grande construtor do Brasil"(15).

Jackson da Silva Lima afirma que "o grande feito cultural de Epifânio Dória não está só em seus escritos, e sim no seu labor diário

em preservar a memória cultural de Sergipe, como mérito ímpar da abnegação e simplicidade: dar de mão beijada, sem qualquer esforço de quem o procurava, os frutos de suas descobertas”(16). Acreditamos que aí reside o grande valor desse intelectual para a historiografia sergipana; não nas análises, mas nos subsídios – a espinha dorsal de qualquer reflexão.

Neste trabalho com arquivos, Epifânio Dória não encontra rival à altura em Sergipe. Talvez Sebrão Sobrinho. O autor de **Laudas para a história de Aracaju**, contudo, mantinha o seu arquivo particular, o qual apenas tornou-se acessível após a sua morte. Sebrão escondia informações receoso de que seus inimigos utilizassem-nas para atacá-lo. Como vimos, de acordo com Silva Lima, o Major não agia assim.

Todavia, se Epifânio Dória mostrava-se tão simpático ao ceder informações, não media esforços quando o assunto era o IHGS. Mais precisamente, o Instituto e a necessidade de sócios contribuintes. Na ata da sessão de 5 de agosto de 1952, Epifânio Dória pede a exclusão de um dos membros da sociedade. A razão: “comunicou ainda o secretário geral que o sócio efetivo coronel Ezequiel de Barros, por uma fatalidade do seu próprio destino, perdera a saúde mental, estando sobre regime de interdição da gerência de seus bens, escusando-se a família de pagar suas mensalidades. (...) resolveu-se assim retirar o seu nome da lista de sócios”(17).

Na falta da possibilidade de contribuição econômica por parte dos sócios, Epifânio Dória não se dispôs a dar a posição de membro do IHGS “de mão beijada”.

Católico, o “Major” arrumou sem grandes dificuldades, espaço para a fé e para a razão na constituição do seu arcabouço cultural. Mantinha, pelo que sabe, correspondência com Jackson de Figueiredo, ícone do movimento renovador católico do século XX. Mesmo dono de uma formação científica independente, Epifânio engendrou-se moralmente a partir do moralismo católico. Como outros intelectuais sergipanos e brasileiros dos quais foi contemporâneo, Dória debruçou-se sobre a ciência sem contrair problemas com a Igreja Católica.

Além do moralismo católico, é possível ainda apontar nos artigos de Epifânio Dória marcas de história positivista (por exemplo, a sua preocupação em demonstrar que os fatos históricos são regidos por

leis) e um vocabulário engalanado. Sua linguagem, além de meticulosa, é híbrida. Ora pode conter uma influência cientificista quando, por exemplo, relata que determinada personalidade morreu “por diabetes, as quais se complicaram com o aparecimento de furúnculos e fenômenos de arteriosclerose, acrescido de extrema debilidade, resultando disso uma miocardite aguda e morte afinal”(18). Por outro lado, foge do tecnicismo quando descreve as dificuldades enfrentadas por um homem nos bailes de Boquim (numa rara escapada da costumeira história política, administrativa, militar e religiosa) e dirá que “quando estes (os dançantes) se dirigiam a uma dama, pedindo para acompanhá-la da valsa e ela apresentava escusa os olhos de argos dos serenistas gozavam o insucesso de devoto de terpsícore...”(19).

Ainda assim, o apelo de maior evidência e reclamado pelo “Beneditino Pesquisador” com maior urgência diz respeito aos arquivos. “Somos pobres de arquivos que facilitem aos estudiosos uma visão eficiente sobre o passado”(20). Dentro do mosaico das idéias existentes no universo de Epifânio Dória, o valor da existência de arquivos e bibliotecas vastas e bem organizadas ganha inegável relevo.

Sua profunda dedicação a estes tipos de organismos da cultura está com certeza ligada ao estatuto do IHGS – sociedade que, sem dúvida, projetou-o enquanto historiador. A catalogação de informações e a criação de museus, arquivos e bibliotecas constam claramente no estatuto da instituição(21).

Não podemos dizer que Epifânio Dória possui em seus textos grande força de análise. Nem tampouco seria lúcido negá-lo enquanto um construtor de história elitista. Quase um historiador oficial do governo. No entanto, a sua contribuição a nossa historiografia através da organização e manutenção de lugares da memória, como arquivos e bibliotecas nos quais ele trabalhou, é realmente única.

As **Efemérides Sergipanas** são um respeitável banco de dados, fruto de horas e horas de trabalho do “Beneditino Pesquisador”, como bem lembrou Calazans(22). Estão repletas de nomes, listas e datas, mas prontas para ajudar no surgimento de novas leituras. Epifânio escolheu e condensou informações para os que viriam. Preparou, pacientemente, os caminhos que serviriam aos futuros historiadores.

NOTAS

- 1 BANN, Stephen. "Analisando o discurso da história". In: **As Invenções da História**. São Paulo: UNESP, 1994. p.51.
- 2 RODRIGUES, José Honório. "Prefácio". In: **História da História do Brasil (1ª Parte/Historiografia Colonial)**. São Paulo/Brasília: Companhia Editora Nacional/INL, 1979, p. 15.
- 3 CALAZANS, José. "Introdução ao estudo da historiografia sergipana". In: **Aracaju e outros temas sergipanos**. Aracaju: FUNDESC, 1973, pp. 31/32.
- 4 **Idem**. p. 28-31.
- 5 DÓRIA, Epifânio. "Ata da Sessão Ordinária de 6 de março de 1928". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. VIII, 1928, p. 15.
- 6 _____. "Nota preambular". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XIX, n. 24, 1960, p. 03. (Ed. Especial).
- 7 _____. "Monsenhor Olímpio Campos". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XVI, n. 21, 1951-1954, p. 107-112.
- 8 _____. "Aracaju". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XIII, n. 18, 1943-1945, pp. 68/76.
- 9 _____. "Tobias Barreto, o Homem Pêndulo". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: n. 15, 1939, pp. 187-192.
- 10 _____. "Aracaju". In: **op. cit.**. p. 69.
- 11 NORA, Pierre. "Entre Memória e História: a problemática dos lugares". In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 10, Dezembro – 1993, p. 7-28.
- 12 FONTES, J. S. L. Entrevista. In: **Cadernos UFS História**. São Cristóvão-SE: EDUFS, v. 02, n. 03, julho/dezembro, 1996. p. 7-18.
- 13 DÓRIA, Epifânio. "Efemérides Sergipanas". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XIX, n. 24, 1960. (ed. especial), p. 70.
- 14 _____. "O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XXI, n. 26, 1943-1945, p. 06.
- 15 _____. "Nota Preambular". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XIII, n. 17, 1941-1942, p. 01.

- 16 LIMA, Jackson da Silva. **Achegas a bibliografia de Epifânio Dória escrita por Armindo Guaraná**. Aracaju: SEEC, s/d., p. 03.
- 17 DÓRIA, Epifânio. "Ata da sessão ordinária de 5 de agosto de 1952". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XX, n. 25, 1960, p. 242. (Ed. Especial).
- 18 _____. "General João de Ávila Franca". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XIX, n. 24, 1960, p. 19.
- 19 _____. "Aracaju de Outrora". In: **Revista de Aracaju**. Aracaju: ano V, n.. 05, 1954, p. 111.
- 20 _____. "Veneráveis da Loja Cotinguiba". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: v. XXI, n. 26, 1961, p. 127.
- 21 De acordo com os estatutos presentes na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. n. 01, v. 01, 1913, p. 03.
- 22 CALAZANS, José. **op. cit.**, p. 21.